

O MODELO

LARS SAABYE CHRISTENSEN
O MODELO

Tradução
Mário Semião



cavalo de ferro

A edição deste livro foi possível graças a um apoio de tradução do NORLA.

Título original: Modellen

© J.W. Cappelens Forlag a.s, 2005

© **Cavalo de Ferro Editores, 2009**

para a publicação em território português

Revisão: Maria Aida Moura

Paginação: Finepaper

1ª Edição, Outubro de 2009

ISBN: 978-989-623-102-6

Quando não encontrar algum livro Cavalo de Ferro nas livrarias,
sugerimos que visite o nosso site: **www.cavalodeferro.com**

PRÓLOGO

Quando por fim tive ocasião de entrevistar o pintor Peter Wihl, e sobretudo na noite em que celebrava os seus 50 anos e que inaugurava a sua nova exposição, acabou por tornar-se claro que não iríamos poder publicar a entrevista devido ao terrível acidente que ocorreu logo depois. Estávamos sentados no restaurante, mesmo em frente da galeria, de onde eu ouvia ainda pessoas a entrar e a sair. Eu quase sentia um peso na consciência por me ter apoderado daquela forma de Peter Wihl, o protagonista da noite, mas fora ele mesmo a sugerir que entrássemos ali para falar. Parecia nervoso e expectante, o que talvez não fosse de estranhar, uma vez que a sua exposição acabara de ser inaugurada e, além disso, tinha também já bastante em que pensar. Notei que enquanto falava se virava incessantemente para a janela. Chegou a pedir um copo de champanhe para mim. E eu fiquei com a sensação de que grande parte do que dizia eram citações, coisas que havia lido ou ouvido, tomadas por empréstimo, não sei, sobretudo quando disse aquilo sobre o Diabo, que fora o Diabo que libertara as cores dos objectos. E, porém, era como se quisesse dizer-me outra coisa, algo mais, algo premente, talvez por isso estivesse tão impaciente, antes dissera-me que pretendia contar-me tudo, muito embora não soubesse o que isso queria dizer.

O gravador estava sobre a mesa, entre ambos. Verifiquei se estava a funcionar. Estava. A voz de Peter Wihl estava

por todo o lado. Ele continuava a falar. Não posso dizer que entendia cada uma das suas palavras, mas iria ter ocasião de ouvi-las com maior cuidado ao chegar a casa. Ao fim de um momento interrompi-o, quiçá instigada pelo champanhe, e fui directamente à questão.

– Receou em algum momento não terminar? – perguntei-lhe.

Ouvi algo cair ao chão, talvez um garfo, uma vez que ele estava a comer bolo.

– Terminar?

Estou certa de que havia entendido o que eu queria dizer. No entanto, vi-me obrigada a especificar:

– Terminar a exposição enquanto ainda tinha visão.

Aproximou-se quase a ponto de me tocar, a sua voz soava tensa, tenaz.

– Um quadro não se termina. Abandona-se.

Ele ficou em silêncio, virou-se novamente de costas para mim, notei-o pela sua respiração, e temi ter deitado tudo a perder. Quis dizer algo, tentei encontrar as palavras certas, quis dizer algo como que me pareciam ao mesmo tempo bonitas e terríveis as palavras que um quadro não se termina, antes se abandona, mas antes de ter tempo de articular qualquer palavra ele deve tê-las visto pela janela, porque se levantou abruptamente e disse, agora com uma voz de alívio, quase auspiciosa:

– Desculpe-me por um momento. A minha mulher e a minha filha chegaram.

E Peter Wihl saiu para a rua para ir ter com elas.

I

Meio ano antes havia perdido a visão.

Numa tarde de Outubro, Peter Wihl trabalhava no seu estúdio nos quadros para a exposição comemorativa, doze grandes telas. Tinha o seu uniforme vestido, estava pronto para a guerra: pés descalços em sandálias gastas, bata longa e manchada, lenço em redor do pescoço. Acabara o apresto, a base em si. Agora só faltava a arte. Estava num daqueles momentos em que tudo flui sem esforço, que ocorrem de quando em vez, quase como um enlevo lúcido. A sua mão estava firme e obediente, os seus pensamentos claros. Sabia para onde queria ir. Restava apenas encontrar o caminho. Movia-se com desembaraço de motivo em motivo que, lenta mas inexoravelmente, tomava forma, secções anatómicas, músculos, uma omoplata, a articulação de um dedo. Era quase incapaz de se recordar de quando havia sentido semelhante controlo, dominava agora de novo as suas ferramentas, dominava o seu trabalho, naquele preciso momento, no instante em que o trabalho se elevava a arte, no instante em que o mester, o labor, começavam a brilhar, e fazia lembrar a felicidade. Era a felicidade. Mas de súbito sentiu uma forte dor nos olhos, como se algo neles tivesse estourado e estilhaçado, precisamente como se os seus olhos se tivessem enchido de ruído. As cores dissiparam-se, as linhas dissolveram-se, a perspectiva desapareceu, tudo enegreceu por completo e ele desabou no chão. Não durou muito. Já tinha passado.

Apenas ouvia o eco da dor, o bater pesado do seu próprio coração. Peter Wihl estava de joelhos e assim ficou por muito tempo, repousando a testa nas suas mãos. Voltou a si. Tudo voltou ao seu lugar tão abruptamente como se havia desmoronado. Ergueu-se devagar e, ao voltar-se para as amplas janelas, pôde ver Helene e Kaia ao fundo do jardim, emolduradas pelas travessas e colunas das janelas à luz minguante de Outubro, e tudo isto que podia contemplar encheu-o de uma alegria ou alívio tão profundos, tão vastos, que ficou a ponto de se desfazer em lágrimas, porque instantes antes se havia encontrado imerso em escuridão. Helene estava sentada no banco branco debaixo da macieira e folheava um manuscrito, os cabelos pretos e curtos, as luvas roxas sem dedos, o casaco de cor ocre, jamais a vira com tamanha nitidez, enquanto Kaia juntava folhas caídas com um ancinho demasiado grande para ela. E ocorreu a Peter Wihl que nunca havia pintado esses dois seres, nem a sua mulher nem a sua filha.

Talvez fosse essa a razão: elas estavam demasiado próximas de si e ele não se atrevia.

Pegou no seu casaco e saiu ao encontro delas.

Kaia continuava a juntar folhas, que jaziam em redor dela num círculo amarelo.

O ramo em cima da cabeça de Helene era preto, na sua extremidade pendia uma maçã vermelha e enregelada.

– O que estás a ler?

– O que estou a ler? *O Pato Selvagem*, claro.

– Pois, claro. Está a correr bem?

Helene pousou o manuscrito e olhou para ele.

– O que se passa?

– Nada.

Ela ficou sentada, observando-o por mais uns instantes.

– O que se passa? – repetiu ela.

– Estou apenas um pouco cansado.

Uma rajada de vento levantou todas as folhas e Kaia permaneceu imóvel no meio de uma tempestade amarela. Peter aproximou-se dela e juntos tentaram apanhar as folhas, algumas estavam secas por completo e reduziam-se a pó entre os dedos e desapareciam, enquanto outras estavam húmidas e simplesmente escapuliam-se e caíam algures pelo jardim, era impossível colhê-las todas e no final ele acabou por se sentar de cócoras em frente da filha.

Os olhos dela eram verdes.

Ela tinha os olhos da mãe.

– Deixemos as folhas até à próxima Primavera – disse ele.

– Deixamos?

– Sim. Assim podem descansar debaixo da neve.

Kaia riu-se e apontou o dedo para ele.

– Tens outra vez tinta na cara.

– Tenho? De que cor?

Ela soltou o ancinho e pressionou o dedo indicador contra a sua testa.

– Azul.

– Só azul?

– Preto também.

– Mais nenhuma?

– Sim. Um pouco de castanho.

– Castanho?

– Sim. Aqui. E branco. No nariz.

– O que é que pareço?

Kaia viu-se obrigada a reflectir sobre essa questão à medida que olhavam nos olhos um do outro, e Peter Wihl sentiu-se uma vez mais arrebatado por aquele olhar verde, pelo olhar da sua filha, aberto, indómito, tão imaculado como se tudo fosse sempre visto pela primeira vez.

Mas então uma sombra atravessou o seu rosto.

– Não sei – murmurou.

– Não sabes?

Kaia baixou os olhos e agitou a cabeça.

E disse estas estranhas palavras, a sua voz quase apavorada, e isso também assustou Peter:

– Não pareces tu.

Ele tentou rir-se, apagar tudo com um riso.

– Não pareço eu?

Kaia agitou a cabeça de novo.

Helene levantou-se do banco, o vento revolveu as folhas do manuscrito uma a uma e ela caminhou em direcção a eles. Peter ergueu-se lentamente. Ela pousou a mão sobre o seu ombro.

Já havia escurecido.

– Vai e descansa um pouco antes de eles virem – disse ela.

– Virem? Quem é que vem?

Kaia gritou primeiro:

– O tio Ben!

Peter suspirou.

– O tio Ben.

Helene encostou-se a ele.

– Tinhas-te esquecido?

– Agora lembro-me. O tio Ben vem.

– Acompanhado.

– Meu Deus. Acompanhado outra vez?

Kaia riu-se, como se estivesse aliviada por poder falar sobre algo por que ansiava.

– O tio Ben com companhia!

– E comida – acrescentou Helene.

E Peter fez como ela dissera, foi para o estúdio e deitou-se na cama do mezanino. Pouco tempo depois adormeceu com o cheiro da terebintina, não profundamente,

apenas justamente abaixo da superfície, à beira do sono, mas o suficiente para conseguir sonhar: Ele está sozinho no pátio da escola, junto da bica de água, tem talvez uns 11 anos, sente frio. Então outro rapaz vem até ele. Peter, se for também esse o seu nome no sonho, fica com medo e recua uns passos mas o rapaz, que é mais alto ou mais gordo do que ele, não se detém até ficar muito perto, quase sobre ele. O rapaz pergunta-lhe: Se pudessem escolher, preferias ficar cego ou surdo? E, nesse preciso momento, Peter acorda de novo com a resposta à pergunta do sonho na ponta da língua: Isso não é uma escolha. Isso é uma ameaça.

E, igualmente de súbito, lembrou-se das estranhas e assustadoras palavras de Kaia: Não pareces tu.

Levantou-se, tomou duche, inclinou-se depois para o espelho embaciado que gradualmente voltava a ficar límpido e claro, e o seu rosto assomava como se a emergir da névoa, e ele não podia ver nada mais senão que ele era quem era, Peter Wihl, a caminho dos 50 anos de idade, um dia mais velho do que ontem e uma noite mais novo do que amanhã.

Mas nos olhos via ainda os resquícios do repentino terror, do pânico que tomou conta de si quando a visão lhe falhou por uns segundos.

Esta era a diferença.

Peter Wihl pensou: alguma vez ficarei livre deste pânico?

Voltou ao estúdio e aí permaneceu sentado no escuro entre as telas.

Então deitou um pedaço de lenha para a fornalha, dobrou alguns jornais velhos e sujou, ateou-lhes fogo, abriu a tiragem e o calor logo se espalhou a partir do ferro negro, fazendo com que as portas de vidro se embaciassem.

Ben chegou às sete e meia. Trazia consigo uma garrafa de vinho tinto e um copo. Sentou-se na outra cadeira, havia apenas duas cadeiras no estúdio, uma boa para se sentar e outra desconfortável. Peter estava sentado na cadeira boa. Ben encheu o copo e bebeu. Ben era a única pessoa com permissão para entrar no estúdio enquanto Peter trabalhava, nem sequer Helene ou Kaia entravam, era um acordo que tinham, o único preceito de Peter, para além do álcool, e era absoluto.

Peter bebia água.

Ben bebia vinho e disse o que sempre começava por dizer:

– Devias pôr aqui um candeeiro.

– Sabes que só pinto com luz natural.

– Em breve os dias de trabalho ficarão bastante curtos, Peter.

– Tens alguma queixa a fazer?

– Espero que os quadros não sejam tão sombrios quanto o que os rodeia.

Peter levantou-se e virou uma das telas contra a parede.

– Onde está a tua companhia? – perguntou ele.

– A minha companhia está a entreter a Helene e a Kaia.

– E quem é a tua companhia agora?

Ben soltou um pequeno riso.

– Detecto um certo cepticismo, ou devo dizer, condescendência na tua simples pergunta?

– De todo.

– Ou uma crítica monógama e masculina ao meu modo de vida?

Foi a vez de Peter se rir.

– Muito sensível hoje, Ben?

– Chama-se Patrick e tem vinte e nove anos.

– Onde o encontraste?

– Na piscina do Grand no domingo de manhã. Ou, para ser mais preciso, na sauna. Satisfeito?

Benjamin Rav fizera 65 anos no ano anterior, era esguio, mantinha-se em boa forma, nadava os seus mil metros todas as manhãs na piscina do Grand Hotel, tinha os seus ocasionais períodos de ascetismo, usava sempre fato de casaco cruzado, os cabelos eram espessos e cinzentos. Aos dezoito pôs uma argola no lóbulo esquerdo, como era costume entre ciganos, marinheiros e maricas, oito anos mais tarde viajou até à vila de pescadores espanhola de Cadaqueuz e comprou uma mala de viagem cheia de litografias de Salvador Dalí, não assinadas por certo, mas por uma bagatela, e que ele vendeu depois ao *jet set* de ocós novos ricos ao longo da costa mediterrânica, ganhando uma fortuna pelo meio. Assim começou. Ben, como os amigos mais íntimos lhe chamavam, e não havia muitos deles, era o galeirista de Peter Wihl há 25 anos, desde a sua exposição de estreia, *Amputações*.

– A Helene está preocupada contigo – disse Ben.

Peter voltou a sentar-se.

– Ai está?

– E quando a Helene está preocupada eu fico preocupado.

– Estou apenas um pouco cansado.

– Cansado? Falta meio ano para a inauguração. No dia a seguir podes então ficar cansado. No dia a seguir podes então morrer se bem quiseres.

Peter encheu o seu copo e bebeu.

– Vou ultrapassar isto – disse ele.

– Sabes o que está em jogo?

– Sei muito bem o que está em jogo.

– Já ninguém te dá nada. Pelo contrário. Eles querem

é tirar-te. Eles querem mais é mandar-te para a sucata se puderem.

– Obrigado, Ben. Agora sinto-me bastante mais tranquilo.

– Estou a falar a sério, Peter. Por isso tens de lhes mostrar com estes quadros algo em que eles nunca tenham posto a maldita vista antes.

– É essa a minha intenção. Aqui estão eles.

– Para dizê-lo sem rodeios, já não podes dar-te ao luxo de te tornares a repetir.

– O que queres dizer com isso?

– Exactamente o que estou a dizer, Peter. Queres saber o que as más-línguas dizem sobre ti hoje em dia?

– Conta-me, Ben.

– Dizem que se o Peter Wihl pintar mais partes do corpo vai ter em breve de começar a dedicar-se às tripas.

Peter desviou o olhar e riu-se.

– E quem são essas más-línguas?

– Todas as possíveis.

– Todas as possíveis? E quem raio são todas as possíveis?

– Esquece, Peter. O que eu estou a tentar dizer-te é que não podes permitir-te ficar cansado agora. Ouves o que te estou a dizer? Estás a ouvir-me?

– Vou ultrapassar isto – repetiu Peter.

Mas Ben não se deu por vencido.

– A Helene disse que tu parecias abalado quando saíste do estúdio esta tarde.

– Abalado? Ela disse isso?

– Sim. Abalado. Foi essa a palavra que ela usou. Tinha acontecido alguma coisa?

Peter levantou-se de novo e colocou-se junto das amplas janelas, de costas viradas para Ben, a escuridão

cada vez mais próxima, apenas conseguia vislumbrar umas quantas luzes a certa distância, vindas das casas nos subúrbios da cidade onde havia crescido. Chovia, mas ele não reparava.

– Ouviste o que aconteceu ao branco-titânio da *Beckers*? – perguntou ele.

– Não, conta-me.

– O químico morreu e a fórmula foi vendida para a China. E não é que eles fizeram o raio da mistura com óleo de soja? Agora não serve para nada. Perdeu todo o brilho.

– É por isso que os quadros estão tão sombrios?

Peter voltou-se bruscamente e quase não conseguia vislumbrar Ben na sombra entre os quadros.

– Tu és dono das paredes. Eu pinto os quadros. Ficamos assim?

Ben foi ao encontro dele, por um lado diferente do que ele estava à espera, e ergueu o copo.

– Eu arranjo-te o branco em Londres – disse-lhe.

Eles beberam e Peter sabia naturalmente que Ben não acreditara naquela explicação, que Peter estava abalado porque o químico, o inventor da sua cor favorita, a base branca, havia morrido. Deveria ele dizer-lhe a verdade, que ficara cego por um momento e que agora conseguia ver de novo, mas que esse momento o havia abalado de tal modo que não tinha palavras, nem tão-pouco imaginação, para o descrever, que a morte enviara um dos seus batedores meio ano antes da inauguração, meio ano antes de fazer 50 anos, deveria ele dizer-lhe isto?

Helene chamou-os.

Atravessaram o jardim, pisando as folhas, até à cozinha, na parte principal da casa.

Kaia ajudava a pôr a mesa, coberta que estava de pequenas tigelas e travessas, com aquele novo género de comida,

finger food, que Peter não suportava, ele não queria comer com os dedos, existiam utensílios próprios para isso.

– Foste tu que fizeste isto tudo, tio Ben? – perguntou Kaia.

O tio Ben riu-se e levantou-a no ar.

– Eu não faço nada minha princesa. Tudo o que tenho, eu compro.

O acompanhante de Ben estava já sentado à mesa e levantou-se de imediato assim que avistou Peter, estendeu os dois braços e agarrou a sua mão.

– É uma honra poder estar aqui e cumprimentá-lo.

– Então, então – interrompeu Ben. – Aqui utilizamos formas naturais de tratamento, apesar de nos encontrarmos na casa de um génio.

O homem, ou o rapaz, não soltava a sua mão.

– Chamo-me Patrick.

Com as suas redondas bochechas de criança, parecia mais novo do que os seus 29 anos, mas talvez isso se devesse sobretudo à sua roupa, calças largas, sapatos grandes, *t-shirt* com letras russas no peito; um labrego, pensou Peter de imediato, pelo menos não se parecia com um nadador, mas Peter compreendeu ao mesmo tempo que, uma vez que Ben escolhera este rapaz, afirmando-o, dignificando-o por assim dizer, era ele, Peter Wihl, que ficava de parte, em breve faria 50 anos e não estava familiarizado com os códigos, os sinais pareciam-lhe absurdos, já não conhecia a diferença entre um grito de vitória e uma súplica por socorro, ele estava, por outras palavras, fora do passo, um visitante em sua própria casa e sentia-se muito bem assim.

Fora isso que Ben havia querido dizer com sucata?

– Peter Wihl – disse Peter.

Patrick sorriu.

– Sou um grande admirador.

– Isso é um alívio.

Peter recebeu por fim de volta a sua mão da de Patrick e puderam então sentar-se. Helene deitou vinho e água nos copos, Kaia bebia sidra de maçã e comeram com as mãos por alguns momentos em silêncio, era uma comida que exigia pilhas de guardanapos e abundantes rolos de papel de cozinha, banheiras e chuveiros ter-se-iam de seguir na verdade, e Peter perguntou-se se não deveria pura e simplesmente ir buscar uma faca e um garfo para si, uma faca e um garfo comuns, como pequena provocação ao presumido modernismo de Ben, esses pratos exóticos que são comida simples nos lugares de onde vêm, ou então talvez apenas começar a beber. Obviamente que não fez nenhuma das duas coisas, antes se virou para o rapaz.

– A que é que te dedicas, Patrick?

– Comunicação – respondeu Ben.

Peter encheu o seu copo com água.

– O Patrick não consegue responder por si próprio?

– Comunicação – respondeu Patrick.

– Bem, não nos dedicamos todos?

Peter reparou que Helene e Ben trocavam contínuos olhares fugazes entre si, estavam por outras palavras preocupados com ele, haviam falado os dois e tinham-no debaixo de olho.

– O que significa comunicação?

A pergunta era de Kaia.

Helene inclinou-se para ela.

– Significa entendermo-nos uns aos outros.

Kaia assentiu seriamente, sem desviar o olhar de Peter.

– Eu perguntei ao pai – murmurou ela.

– Significa que quando eu daqui a pouco disser que tens de ir para a cama, tu vais.

– Não! – gritou Kaia.

– Sim – insistiu Peter. – Comunicação significa em termos simples que eu tenho razão!

Todos se riram, um pouco demasiado, pensou Peter, sobretudo Helene, ao fim e ao cabo ele não tivera assim tanta graça, e as travessas passavam em torno da mesa, passando por ele, passando sem cessar por ele, do mesmo modo que as vozes e as conversas passavam por ele, e Peter era incapaz de as seguir, ele estava desconexo, como se estivesse numa carruagem que ia ficando sempre para trás e que por fim se deteria por completo, num ramal, na sucata, e ele sentiu de forma intensa que estava de parte, e isso que costumava proporcionar-lhe um certo prazer, o seu exílio voluntário por assim dizer, no qual podia ocupar-se consigo mesmo em paz, onde quer que se encontrasse, e que alguns confundiam como sendo uma encantadora forma de alheamento, não lhe proporcionava nenhuma satisfação ou qualquer tranquilidade, pois nesta noite ele não era dono e senhor da sua ausência, desta vez era algo mais profundo, vindo do fundo dessa violenta escuridão que antes o rasteirara nesse mesmo dia e que o fizera erguer de novo, não menos abruptamente.

– Amputação.

Peter olhou de súbito para cima e viu todos em silêncio, observando-o fixamente.

– Como?

Helene colocou a sua mão sobre a dele sem dizer qualquer palavra.

Patrick inclinou-se, aproximando-se.

– Amputação – repetiu.

Peter seguia sem entender.

– Amputação?

Agora olhavam uns para os outros, apenas Kaia continuava a olhar para ele, parecia triste e impaciente por ver o seu pai assim, tão alheado, tão deslocado.

Ben voltou a encher o seu de copo de vinho.

– O Patrick está a referir-se à tua estreia, querido amigo. A tua primeira exposição na minha galeria. A exposição que te tornou no que tu és. Lembras-te, Peter? Foi há meros vinte e cinco anos.

– É o vinho ou esta comida repugnante para comer com as mãos que te está a deixar sentimental?

Ben riu-se.

– E está muito entusiasmado, se te dispuseres a ouvi-lo.

Ben estava já a falar alto, como costumava fazer por volta de certa hora, geralmente a partir das nove, não porque ficasse bêbedo, pois nunca o estava, só porque se queria assegurar de que toda a gente o ouvia, era um mau hábito da sua juventude, quando a maioria daqueles no seu círculo murmuravam, calavam ou mentiam.

Peter olhou para o relógio, três minutos depois das nove, e não conseguia conceber que o tempo passara tão veloz, tão firme, alheara-se ele de novo?

Estava aterrorizado e riu-se.

– Que idade tinhas nessa altura, Patrick? Três? Ou talvez nem sequer fosses nascido ainda?

Helene puxou um pedaço de papel de cozinha e pousou-o no colo de Kaia.

– Dois dos quadros estão ainda pendurados no meu quarto – disse Ben.

Patrick olhou directamente para os olhos de Peter.

– Admirável.

– Admirável?

– Sim. Partes do corpo destituídas das suas funções. Brutal e lindo. Porque é que já não pintas assim?

Fez-se silêncio por um instante; a crítica era tão evidente, tão mal mascarada debaixo da linguagem de cortesia, debaixo do elogio revessado, que inclusive Ben baixou o olhar, envergonhado, embaraçado, enquanto limpava minuciosamente os dedos no que restava de um guardanapo azul.

Peter olhou directamente para os olhos de Patrick.

– Porque já o fiz.

Ben levantou o seu copo e disse, em jeito de reconhecimento para Peter e como reprimenda para o seu jovem e moderno amigo:

– A resposta foi manifestamente melhor do que a pergunta.

Brindaram e fez-se mais uma vez silêncio. Por sorte, Kaia quebrou-o.

– O que significa amputação? – perguntou.

Peter pousou o copo.

– Se, por exemplo, te dói um dedo do pé, e se ficar infectado e houver perigo de a infecção alastrar para o resto da perna, então corta-se o dedo. Isso é uma amputação.

Helene riu-se.

– Não lhe faças caso – disse ela.

Kaia ficou pensativa.

– E se me doer a cabeça? – perguntou por fim.

Helene levantou-se.

– Nesse caso vais para a cama! – exclamou.

Kaia não protestou, estava demasiado cansada para o fazer e seguiu obedientemente a sua mãe. Os três homens permaneceram sentados. Ben abriu uma nova garrafa de vinho.

– Li uma coisa curiosa numa entrevista com uma des-

sas mulheres de Rembrandt. Ela disse que sonhamos sempre figurativamente. Isso passa-se convosco?

Patrick limitou-se a encolher os ombros. Continuava ofendido.

– Eu nunca me lembro dos meus sonhos – disse Peter.

Isto era, obviamente, mentira. Ele recordava-se, por exemplo, com perfeita nitidez do rapaz que lhe colocara aquela pergunta impossível no pátio da escola, reconhecia em absoluto a figura desse rapaz roliço, da mesma forma que se reconhecia a si mesmo, Peter, de casaco *peau de pêche* e cabelo penteado com água. O sonho era, por outras palavras, figurativo, mas ainda assim não verosímil, estava às avessas, não encontrava outra expressão para além de às avessas, e ocorreu-lhe, num momento de quase clarividência, que nos sonhos a luz vem do interior, não existe qualquer outra fonte de luz nos sonhos, tal como o branco da *Beckers* pode estar no fundo de um quadro, debaixo de todas as camadas, e ainda assim fazer a superfície preta brilhar.

Ben riu-se.

– Este anacronismo feminino tem alguma pertinência? Somos pura e simplesmente antiquados no sono? Realistas de armário, por assim dizer?

Patrick disse:

– Eu chamaria antes instalações aos sonhos.

Ben olhou de relance para Peter, quase envergonhado por um instante em nome do seu jovem amante, e continuaram a beber por algum tempo em vez de falar, era melhor assim, podiam ouvir a chuva no telhado, vento nas árvores junto à cerca, Helene a cantar para Kaia.

Mas Peter não se conseguiu conter.

– Então tu sonhas instalações, é isso Patrick? Debaixo

das minhas amputações, na cama do Ben?

– Não, raramente há tempo para isso.

Ben interrompeu-os.

– Eu tenho boas notícias, Peter.

– Sim? Conta-me. Vão adoptar?

Ben suspirou e voltou-se por momentos para Patrick:

– O Peter Wihl tem um humor muito peculiar. Demora apenas algum tempo a habituarmo-nos a ele.

Patrick agitou a cabeça.

– Eu acho o Peter engraçado.

Peter inclinou-se em direcção a ele.

– Achas-me engraçado?

– Eu gosto de humor provocador.

Peter riu-se.

– Provocador? Eu tento apenas ser agradável.

Patrick riu-se também.

– Agradável como uma amputação – disse ele.

E num olhar fugaz Peter vislumbrou o assomo de ira do rapaz e calou-se.

Ben colocou a mão sobre a sua.

– Quando terminares esta exposição, há um retrato à tua espera.

Peter puxou o braço para si.

– De quem?

Ben fez-se difícil.

– Não posso dizer antes de estar tudo arranjado. Mas posso dizer que não podemos chegar mais alto.

Peter interrompeu-o.

– Há outras pessoas que quero pintar primeiro, Ben.

– Quem?

Peter inclinou-se sobre a mesa.

E nesse justo instante Helene chegou de volta e reto-

mou o seu lugar. Olhou para os homens, sorrindo-lhes um a um, enquanto Ben lhe enchia o copo.

– Que segredos há por aqui? – perguntou ela.

– Os sonhos do Patrick são instalações – disse Peter.

E Patrick, que parecia cada vez mais e mais uma criança grande de rosto suave e macio, talvez por efeito do vinho, retorceu-se na cadeira, merecidamente, pensou Peter, e Ben teve de sair em seu auxílio, pegou na mão do rapaz, voltou-se para Helene e mudou de assunto.

– Conta-nos como vão as coisas com *O Pato Selvagem* – pediu-lhe.

– É demasiado cedo para dizer. Mas creio que vai ser diferente.

Ben suspirou.

– É, no fundo, uma peça intragável. Ibsen, esse miserável, deixa que absolutamente tudo que possa correr mal corra tão mal quanto seja possível. E isso é insuportável!

Helene esguelhou a cabeça.

– O que achas que Ibsen deveria ter feito?

Ben falou ainda mais alto:

– Ele não é nada mais do que um presunçoso dramático. Todos aqueles infortúnios na família Ekdal, eles podiam simplesmente tê-los resolvido e salvado a vida da criança! Os homens egocêntricos de meia-idade são do mais abominável que existe.

– E o que resta de dramático então?

Ben olhou em seu redor.

– A felicidade não é dramática o suficiente? Tem de haver doenças venéreas, falências e mortes repentinas para se criar drama? Não nos podemos contentar com a felicidade?

– É um idílio que tu queres, Ben?

– Eu queria propor pelo menos um cenário aberto.

Para que o público possa ver com os seus próprios olhos o suicídio de Hedvig. E agora queria também um café.

Foram interrompidos de novo, desta vez por Kaia, que gritava por Peter. Ele foi ao quarto dela e sentou-se à beira da cama na penumbra, satisfeito por estar com a sua filha e satisfeito por escapar por uns instantes.

– Não consegues dormir?

Kaia agitou a cabeça.

– Estamos a falar muito alto?

– Sobretudo o tio Ben.

Peter aconchegou-a melhor por baixo da coberta e conseguia ouvir a conversa vinda da cozinha, não as palavras, apenas as vozes, nem ele teria sido capaz de adormecer com tanto ruído em casa, era melhor com chuva, chuva sobre o telhado e contra as janelas, este era o acompanhamento apropriado do sono.

– Sim, sobretudo o tio Ben – repetiu ele.

Kaia agarrou-lhe de repente na mão e a força dos seus pequenos dedos assombrou-o.

– Com quem me pareço eu? – perguntou ela.

E Peter recordou nesse instante a sua própria pergunta, no jardim ao sair do estúdio, abalado, e a apreensão de Kaia por não encontrar qualquer resposta, e agora tocava-lhe a ela perguntar, pois as crianças nunca esquecem, as crianças precisam de tudo esclarecido, e ele baixou-se até junto dela e passou um dedo pelo seu rosto, na sombra, sobre a almofada branca.

– Contigo mesma, claro. Com quem mais?

Kaia sorriu.

– Tu também.

Ela esclarecera o assunto e largou a sua mão. Agora podia dormir.

Peter beijou-a ao de leve na testa.

– Com o que vais sonhar esta noite?

– Não sei ainda.

Ele sorriu e endireitou-se.

– Boa resposta – murmurou ele.

Mas quando Peter estava prestes a fechar a porta, a voz dela ouviu-se de novo.

– Podias deixá-la um pouco aberta?

Peter voltou-se. Kaia estava sentada na cama, uma ténue faixa de luz caía sobre ela vinda do corredor.

– Mas então vais ouvir o tio Ben.

– Também não vou conseguir adormecer se a porta estiver fechada.

Peter deixou a porta entreaberta e enquanto voltava para a cozinha, ao encontro dos demais, pensou com inquietação, quase com sobressalto, que a sua filha com apenas seis anos já sabia o que significava o tormento da escolha, não o ter de escolher entre coisas boas, gelado ou chocolate, mas entre dois males, entre escuridão ou ruído, entre duas formas de não poder adormecer. Ficou em pé junto da mesa, eles bebiam café, a chuva cessara, soava como se um véu de rumor houvesse sido descerrado, Helene havia tirado uma garrafa de *Calvados*, Patrick parecia aborrecer-se e Ben não terminara ainda o seu alvoroço por Ibsen.

– A mentira vital é um desporto norueguês absolutamente sobrevalorizado! Não há uma maldita ponta de verdade na ideia de que a mentira vital e a felicidade andam em conjunto! Basta olhar para mim!

E Peter sabia que havia obviamente apenas um modo de resolver o problema de Kaia, de libertá-la do tormento da escolha e assim deixá-la dormir em paz.

Apontou para Ben e só então se aperceberam da sua presença.

– A nossa filha pede que baixes a voz – disse Peter. –
Ou que te cales por completo.

Ben cobriu a boca com a mão.

Patrick riu-se, um riso agudo de criança.

– Talvez seja hora de os dois irem tratar da louça –
disse ele.

Peter virou-se.

– Desculpa? O que é que disseste?

Patrick olhou para Ben, que corava por trás da mão, o
esguio e presumido quase idoso corava.

– Vocês não costumam tratar da louça juntos?

II

Gelara durante a noite.

Peter e Helene andavam de braço dado, devagar, debaixo do sol baixo e frio. As poças de água da chuva resplandeciam como vidro entre a avenida de árvores e Kaia saltava de vidraça em vidraça nesse paraíso próprio do frio, eles podiam ouvir os seus gritos de regozijo de cada vez que uma delas estalava, e Peter pensou que há certas coisas que nunca mudam, como a alegria de uma criança a correr pelas folhas caídas e a pisar as poças de gelo.

O parque estava deserto, banhado por uma luz quase alva. Em breve toda a geada na relva iria derreter e misturar-se com o sol, formando pálidas sombras verdes.

Os sinos de uma igreja dobraram algures noutra parte da cidade.

Era domingo.

Peter levava um ramo de flores na sua mão livre, rosas secas.

– De que é que tu e Ben estiveram a falar no estúdio ontem à noite? – perguntou Helene.

– Do de sempre.

– Ai sim, apenas do de sempre?

– Tu conheces o Ben.

Ela interrompeu-o.

– Ninguém conhece o Ben.

Peter suspirou.

– Ele já está preocupado. Por causa da exposição. Ou seja, o de sempre.

– E tu estás?

– Sabes muito bem o que me preocupa.

Helene inclinou-se para junto dele.

– E não estou interessada em ouvir nada sobre isso. Não és o primeiro a fazer cinquenta anos.

– Mas é a primeira vez que eu vou fazê-los.

Helene riu-se e acenou a Kaia, que nem reparou, ela continuava a dançar de poça em poça, cada vez mais distante deles, e ocorreu a Peter que a filha era a única cor naquele parque ferido pelo gelo, o cachecol amarelo, o chapéu vermelho, o casaco verde, as luvas, as botas, talvez fosse assim que a tivesse de pintar, como um contraste, calor opondo-se a frio, cor opondo-se a ausência de cor, mas rejeitou a ideia assim que a concebeu, ou melhor, enquanto a concebia. Kaia não precisava de nenhum contraste, ela bastava por si só, ela preenchia uma imagem só por si.

Então Peter reparou noutra coisa.

Um cão preto descia a correr, atravessando a encosta desde o cemitério.

Helene apertou a sua mão.

– O que achas do Patrick? – perguntou ela.

– Não gosto de quem cumprimenta com duas mãos.

– Tu não gostas de nenhum dos conhecidos do Ben.

– Conhecidos?

– Rapazes. Namorados. Amantes. Chama-lhes o que quiseres. Não podes ao menos tentar gostar deles? Pelo Ben?

– Eu tentei. Mas não consegui.

O cão havia parado junto de uma árvore, a língua vermelha pendurada fora da boca e o pêlo a fumer, como se estivesse no meio de uma nuvem de gelo e calor.

– Espero que o Ben tenha cuidado – exclamou Helene de repente.

– Cuidado? O que queres dizer com isso?

– Sabes muito bem o que quero dizer.

Peter virou-se para ela.

– E, a propósito, de que é que tu e o Ben estiveram a falar?

– Do de sempre.

– Ai sim, apenas do de sempre?

– Tu conheces o Ben.

– Oh, ninguém conhece o Ben.

Peter sorriu e teve de fechar os olhos ante o sol cegante.

Uma ansiedade inominável tomou conta de si.

Já não ouvia o ruído seco do gelo a estalar.

– Falámos sobre ti – disse Helene.

– Sim, ele referiu isso.

– Parecias tão, como hei-de dizer, desconcertado, quando ontem saíste do estúdio.

– O Ben disse abalado.

– Abalado e desconcertado. Eu fiquei assustada, Peter.

Deveria ele contar-lhe agora, enquanto andava ainda com os olhos cerrados pelo sol, de braço dado com Helene, a mãe da sua filha, a sua confidente, que a sua ferramenta mais importante, a sua visão, lhe havia falhado, e dessa forma, ao dizê-lo, aliviar o seu coração, mas por sua vez sobrecarregar outro e assim duplicar a sua inquietação, multiplicá-la por dois, ou apenas passá-la para outra pessoa, para Helene? Não, guardaria a inquietação para si próprio. Não queria preocupá-la. Pensou: vai passar. E disse:

– Não há razão para ficares assustada.

E nesse instante Peter ouviu um grito, logo próximo e porém tão distante, como se os seus sentidos não parassem

de o ludibriar, Helene largou o seu braço e quando ele por fim abriu os olhos, viu Kaia imóvel a meio da vereda, o rosto escondido nas suas mãos, enquanto o cão preto a rodeava, chegando-se furtivamente cada vez mais perto, e agora tudo o que ele ouvia era apenas o rosnar baixo e monótono, como um motor, e pôde ver a mandíbula descoberta, a carne rosada e húmida e os dentes amarelos.

Peter parou, aterrado, paralisado, ele tentava mas era incapaz de se mover, como se estivesse demasiado pesado, como se tudo o empurrasse para baixo, abaixo, e nesse momento ele não era mais o pai de uma filha, ele não era mais o marido de uma mulher, ele era tão somente uma testemunha do que ocorria numa tranquila manhã no parque nos finais de Outubro: Helene corre tanto quanto pode em direcção ao cão que se apoia nas duas pernas traseiras e assenta as suas robustas patas nos ombros de Kaia, o cão é maior do que ela e decide fincar os dentes no chapéu, no chapéu vermelho, Helene afrouxa o passo e avança devagar mas decidida, sem hesitar um único instante, sussurrando algo à medida que percorre o último trecho que a separa deles, como uma canção, é o nome de Kaia que sussurra, sem cessar, Kaia, sussurra ela, Kaia, o cão abocanha e despedaça o chapéu vermelho, e Kaia baixa as mãos para ver o que a ameaça e quem a pode salvar, a sua face está pálida, quase perdida de vista entre as mandíbulas escumantes do cão. Então Helene agarra o cão pela pele do pescoço, arremessa o animal com toda a sua força pela gravilha e abraça Kaia, que não se põe a chorar senão agora, alta e estridentemente, como se uma poça dentro dela tivesse estalado. E o cão corre, ganindo, em direcção a um homem que se avista agora na encosta do cemitério.

E por fim Peter pôde libertar-se, a fúria libertou-o, e pôs-se a correr ele também em direcção a este homem,

um homem jovem, com rabo-de-cavalo, vestindo um longo casaco preto de cabedal e segurando na mão uma coleira, um género de corrente, que colocou no cão que se deitou obedientemente aos seus pés.

Peter parou em frente dele, sem fôlego e furioso.

– Não sabes que os cães têm de andar de trela, filho da mãe?

O homem levantou o olhar, como se nada de tudo aquilo fosse com ele.

– O cão está de trela agora. Não vês?

– Esse cão atacou a minha filha!

O homem vestido de cabedal sacudiu a cabeça, os lábios esboçaram um sorriso, um sorriso de escárnio, e alguma verdade havia na ideia de que os cães se assemelham aos seus donos, ou vice-versa, que os donos acabam por se assemelhar aos seus cães, eles eram uma cópia do outro.

– Ele não é perigoso.

– Não é perigoso? O que raio chamas àquilo?

– Ele só queria brincar.

– Brincar! Essa besta atacou a minha filha!

– Acalma-te, homem. Ele nunca mordeu ninguém.

Peter deu um passo em direcção ao homem e apon-
tou para o cão.

– Esse maldito rafeiro tem de ser abatido! Ouves?
Abatido!

– E tu podes enfiar essas malditas flores pelo cu acima.

Peter quase não conseguia falar, a raiva e o medo haviam-
-lhe secado a boca, apenas foi capaz de gritar.

– Quando puser estas malditas flores na campa dos
meus pais, vou fazer queixa de ti à Polícia!

O homem deu um puxão na coleira e o cão levantou-se.

– Devias era tomar melhor conta da tua filha, idiota –
disse ele, e foi-se embora, o cão preso à trela, a cauda

a abanar, o rabo-de-cavalo a dançar, subindo de novo a encosta em direção ao cemitério.

Peter bradou:

– És tu quem deve ser abatido, filho da mãe! Tu!

O dono do cão voltou-se e esticou-lhe o dedo.

E Peter estava prestes a começar a correr atrás dele, sem saber o que faria quando alcançasse de novo o homem, sabendo apenas que seria capaz de fazer qualquer coisa, estava possuído pela fúria, mas então Helene surgiu a seu lado, assombrosamente tranquila, e deteve-o.

– Chega. Só vais assustar ainda mais a Kaia.

Helene teve de segurá-lo também.

– Ela está ferida?

– O chapéu ficou estragado.

– Tê-lo-ia matado.

– Eles já se foram embora.

Peter recompôs-se, respirou fundo e voltou-se para Kaia, que permanecia quieta de pé na relva fria e molhada de cabeça descoberta, os cabelos pretos cobriam quase metade da sua face, e ela olhava fixamente para ele, havia algo estranho no seu olhar, algo que ele jamais vira antes, e que o assustou.

Ela disse:

– Não tenhas medo, pai.

E Peter ergueu Kaia nos braços, era ele quem deveria ter dito essas palavras, não tenhas medo, não ela, e ele notava ainda o odor fétido a cão nas suas roupas.

– Agora vamos para casa – sussurrou Peter. – Agora vamos para casa fazer chocolate quente, gemada, natas, panquecas e bolo e depois comemos tudo.

Kaia, séria e calada, limitou-se a assentir com a cabeça.

– Primeiro vamos às urgências – disse Helene.